

# Rumo ao futuro

Ed Alves/CB/DA Press



Segundo especialistas, a capital tem um enorme potencial para crescer, mas precisa voltar os olhos para o deficit habitacional, o índice de homicídios, a desigualdade social e a qualidade da educação, hoje estagnada

» KELLY ALMEIDA  
» FLÁVIA MAIA  
» ISA STACCIARINI

**O**s 55 anos de Brasília merecem mais do que festa. Exigem mais do que reminiscências e boas lembranças do que se passou; mais do que a celebração da capital moderna e plena que é hoje. A cidade exige ser pensada para o futuro. Como serão as próximas décadas? Quais serão as soluções para os problemas atuais da capital, como trânsito, segurança, economia e educação? Os brasilienses podem comemorar o maior Índice de Desenvolvimen-

to Humano Municipal (IDHM), a liderança entre as 27 unidades da Federação em termos de indicadores educacionais e maior renda domiciliar per capita. Mas é necessário também enxergar que essas conquistas precisam ser mantidas. E para conservá-las, há muito a ser feito.

Uma pesquisa inédita da empresa de consultoria Macroplan Prospectiva Estratégia & Gestão indica alguns caminhos. Baseados nos índices atuais e em algumas prospecções, os especialistas acreditam que, pensando a longo prazo, é possível termos uma Brasília sexagenária ainda melhor do que a atual. Mas, para isso, há desafios a vencer. Para chegar

saudável aos 60 anos, as prioridades devem ser educação, segurança, mobilidade urbana e a luta contra a desigualdade social, aponta o estudo.

Caso as políticas públicas não sejam repensadas, a capital vai completar seis décadas com mais de 3 milhões de habitantes, deficit habitacional, problemas sérios de mobilidade e educação estagnada. "O Distrito Federal enfrenta um ambiente de grandes dificuldades, principalmente financeiras. Mas tem muitas oportunidades, inclusive por estar em uma região que mais tem crescido nos últimos anos, que é o Centro-Oeste", avalia Gustavo Morelli, diretor associado da Macroplan.

O estudo agrega dados de entidades de pesquisa como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de outros órgãos, como o Ministério da Justiça. O documento mostra que a desigualdade social cresce. Se o ritmo se mantiver, a disparidade entre ricos e pobres se tornará maior. "Brasília tem alguns ativos importantes. O espaço urbano é pequeno, por exemplo. Mas a distribuição de renda é ruim e a violência é pior do que a média brasileira. Esses são alguns dos desafios a serem vencidos", complementa Morelli. (Leia mais sobre a pesquisa na página 18)

Apesar dos problemas mostrados pela pesquisa, o professor do Departamento

de Geografia da Universidade de Brasília (UnB) Neio Campos é otimista com relação aos próximos anos. Para ele, Brasília cumpre o Plano de Metas proposto por Juscelino Kubitschek na fundação da capital, que tem como principal objetivo fortalecer a interiorização do país. "Daqui a cinco anos, a perspectiva é de uma dinâmica urbana e regional intensa, porque, além de tudo, Brasília conseguiu reunir uma população com renda per capita elevada. O mercado será atrativo para novos produtos, serviço de tecnologia e informação. Haverá maior adensamento, tanto econômico quanto demográfico", ressaltou.